

Revista Appai

EDUCAR

DIGITAL

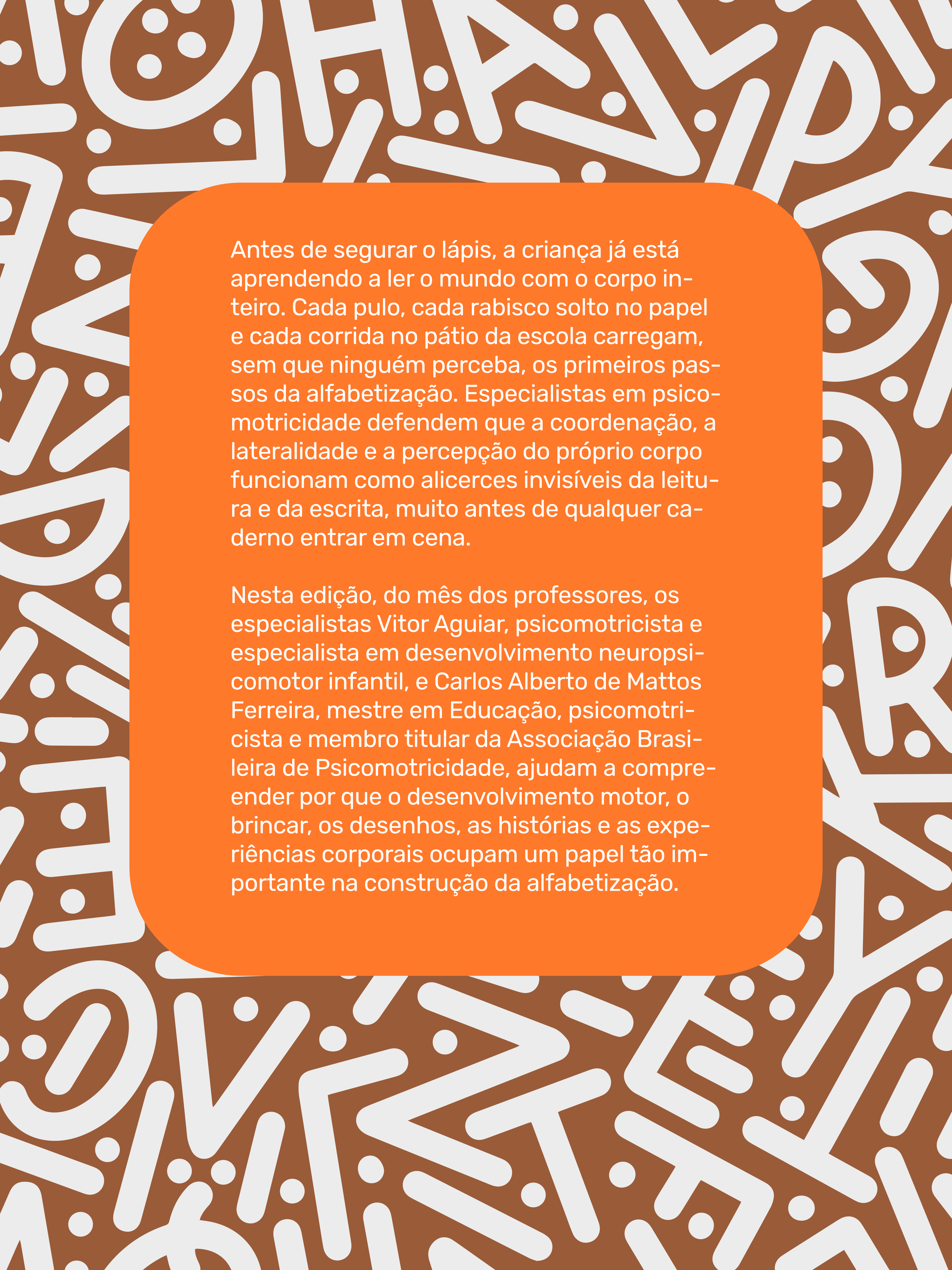
Informação ao Profissional de Educação

E-BOOK EXCLUSIVO

Seu aluno pode **não estar pronto** para escrever



O que a psicomotricidade revela sobre os caminhos da alfabetização



Antes de segurar o lápis, a criança já está aprendendo a ler o mundo com o corpo inteiro. Cada pulo, cada rabisco solto no papel e cada corrida no pátio da escola carregam, sem que ninguém perceba, os primeiros passos da alfabetização. Especialistas em psicomotricidade defendem que a coordenação, a lateralidade e a percepção do próprio corpo funcionam como alicerces invisíveis da leitura e da escrita, muito antes de qualquer caderno entrar em cena.

Nesta edição, do mês dos professores, os especialistas Vitor Aguiar, psicomotricista e especialista em desenvolvimento neuropsicomotor infantil, e Carlos Alberto de Mattos Ferreira, mestre em Educação, psicomotricista e membro titular da Associação Brasileira de Psicomotricidade, ajudam a compreender por que o desenvolvimento motor, o brincar, os desenhos, as histórias e as experiências corporais ocupam um papel tão importante na construção da alfabetização.

Capítulo 1

O corpo como primeiro território da alfabetização





O primeiro caderno da infância não tem linhas, páginas nem letras. Ele é feito de movimentos, experiências, descobertas e relações que começam muito antes de a criança escrever o próprio nome. É nesse território nem sempre visível da alfabetização que a psicomotricidade ganha relevância.

Embora o aprendizado da leitura e da escrita ainda seja frequentemente associado ao momento em que as letras entram em cena, especialistas lembram que esse processo se inicia bem antes. Cada tentativa de alcançar um brinquedo, cada deslocamento pelo espaço e cada brincadeira que envolve equilíbrio, direção e coordenação ajudam a criança a construir habilidades que futuramente estarão presentes na alfabetização.

Para Vitor Aguiar, que também é profissional de Educação Física, a psicomotricidade pode ser compreendida como a “ciência das relações”, aquelas que estabelecemos com nós mesmos, com as outras pessoas e com o ambiente. “A criança não aprende somente com a cabeça. Ela aprende com o corpo inteiro, experimentando, se movendo, percebendo, sentindo e interagindo”, ressalta.

Essa aprendizagem corporal também envolve a construção de referências espaciais. Antes de acompanhar as linhas de um texto, organizar os elementos em uma folha ou compreender a direção da escrita, a criança precisa desenvolver noções de espaço, tempo, distância e direção. “Antes de ler ou escrever, a criança precisa desenvolver essas noções para que entenda que, aqui no Ocidente, lemos e escrevemos da esquerda para a direita e de cima para baixo, por exemplo”, explica Vitor.

O psicomotricista acrescenta que a criança também precisa conhecer o próprio corpo, perceber onde estão seus membros, compreender a função de cada um deles e adquirir consciência sobre seus lados. Essa organização ajuda a estruturar os movimentos e a relação que ela estabelece com o ambiente. “O papel da psicomotricidade é oferecer experiências corporais que ajudem os pequenos a construir as bases necessárias para essas aprendizagens”, sintetiza.

“A escrita é um instrumento do pensamento”

Já para o mestre em Educação Carlos Alberto de Mattos Ferreira, a discussão pode ser ampliada ao se aproximar movimento, pensamento e representação. Para ele, a escrita não surge apenas quando a criança recebe um lápis ou começa a reconhecer letras. Ela resulta de uma construção gradual que se inicia nas experiências vividas.

“A escrita é um instrumento do pensamento”, observa, retomando a contribuição do neuropsicólogo Alexander Luria. Antes das palavras existem os gestos. Antes dos textos, os desenhos. E, antes dos desenhos, existe um corpo que se movimenta, percebe, experimenta e começa a atribuir sentido ao mundo.



Capítulo 2

Nenhuma letra nasce pronta



A expectativa para que as crianças aprendam cada vez mais cedo pode produzir uma armadilha silenciosa. Muitas vezes, os adultos enxergam apenas a chegada das letras e deixam de observar tudo o que precisa acontecer antes delas.

Vitor recorda que existe uma hierarquia no desenvolvimento motor infantil. Esse percurso acontece de forma céfalo-caudal e próximo-distal, ou seja, de cima para baixo e do centro do corpo em direção às extremidades. “A criança desenvolve primeiro o controle das regiões mais próximas do centro do corpo e, progressivamente, chega às extremidades”, esclarece.

Isso significa que o controle necessário para segurar o lápis e realizar movimentos precisos com os dedos não aparece de maneira isolada. Antes dele, a criança precisa desenvolver outras partes do corpo. “Primeiro inicia o controle de ombros e pescoço, depois de cotovelos, mais à frente os punhos e, finalmente, o controle mais refinado dos dedos”, detalha o psicomotricista.

O processo pode ser observado desde os primeiros meses de vida. O bebê que, ainda deitado no berço, tenta alcançar um móvel já exercita coordenação, direção e percepção de distância. Mais tarde, surgem os grandes movimentos dos braços, os rabiscos nas paredes, as garatujas e os desenhos arredondados. Gradualmente, com maior controle dos punhos e dos dedos, os traçados tornam-se mais precisos.



Nenhuma letra nasce pronta. Antes dela, há uma sucessão de experiências que ajudam a criança a conhecer suas possibilidades e a organizar os próprios movimentos. Vitor situa o controle mais refinado dos dedos próximo dos 6 ou 7 anos e relaciona essa conquista à maturação do sistema nervoso. É esse amadurecimento que permite a realização de movimentos cada vez mais coordenados. “Não adianta querer que a criança esteja pronta para ler ou escrever se ela não estiver madura o suficiente”, pondera.

A observação ajuda a compreender por que a insistência em exercícios de escrita nem sempre resolve uma dificuldade. Em determinadas situações, a criança pode precisar menos de repetição no papel e mais de oportunidades para correr, equilibrar-se, desenhar, modelar, encaixar, rasgar e manipular objetos.

Carlos Alberto reforça essa perspectiva ao lembrar que a escrita se desenvolve progressivamente, acompanhando a capacidade da criança de transformar pensamentos e vivências em representações. “A escrita se inicia na transcrição dos desenhos, tal qual na pré-história da humanidade, e vai se tornando, gradualmente, uma construção fonética e gráfica”, contextualiza.

Sob esse olhar, o desenho não funciona apenas como passatempo ou preparação mecânica para escrever. Ele integra o caminho pelo qual a criança descobre que uma experiência pode ser lembrada, organizada e comunicada por meio de símbolos.

Capítulo 3

Quando o corpo dá sinais





Nem toda dificuldade de escrita começa na escrita. Em muitos casos, os primeiros sinais podem ser percebidos durante as brincadeiras, nos deslocamentos pela escola ou na realização de atividades aparentemente simples do cotidiano.

Dificuldade para manter uma postura adequada, pouca coordenação dos movimentos e insegurança para correr, pular ou se equilibrar merecem atenção. Isso vale para obstáculos recorrentes ao encaixar peças, recortar, rasgar, lançar objetos ou realizar propostas que exijam coordenação entre olhos e mãos.

Vitor inclui nessa observação as dificuldades relacionadas a lateralidade, orientação espacial, organização no ambiente e percepção do próprio corpo. Entretanto, o olhar do professor não deve se limitar ao resultado final de uma atividade. “Outro ponto que

considero muito importante é a maneira como a criança se relaciona com os seus pares e com a atividade proposta”, enfatiza.

Planejar uma ação, dar início a uma tarefa e conseguir finalizá-la também são aspectos importantes. Algumas crianças demonstram insegurança diante de desafios motores, evitam determinadas experiências, frustram-se rapidamente ou precisam de muita ajuda para organizar o próprio corpo. “Ela tem condição de planejar o que vai fazer? Consegue iniciar e finalizar uma ação? Demonstra insegurança diante de desafios motores? Evita determinadas experiências?”, indaga Vitor.

A dificuldade para esperar a vez ou respeitar a troca de turnos durante uma brincadeira também pode oferecer pistas. Isso ocorre porque a psicomotricidade não está relacionada apenas à execução de movimentos, mas à forma como a criança se organiza, interage e participa das situações propostas.

O especialista adverte, porém, que esses comportamentos não devem ser analisados fora de contexto nem servir para estabelecer diagnósticos precipitados. “Esses sinais isolados não significam que a criança tenha algum transtorno ou que não esteja pronta para ser alfabetizada”, frisa.

Em vez de rotular ou comparar, cabe ao professor observar. As pistas identificadas podem indicar a necessidade de ampliar as experiências corporais, adaptar uma atividade ou acompanhar a criança mais atentamente. Quando as dificuldades persistirem, a escola também poderá orientar a família sobre a importância de uma avaliação especializada.

“Eles são apenas pistas para que professores e profissionais possam observar com um olhar mais atento e ofereçam mais oportunidades de exploração corporal”, orienta Vitor. O objetivo não é estabelecer um único ritmo de desenvolvimento para todas as crianças, mas compreender quais experiências e apoios podem ajudá-las a avançar.

Capítulo 4

O brincar está desaparecendo?

Correr, pular, cair, subir, descer, empurrar, puxar e carregar objetos são ações comuns na infância. No entanto, à medida que as telas ocupam mais espaço e o brincar livre perde tempo na rotina, muitas crianças passam a ter menos oportunidades de experimentar essas possibilidades.

Vitor reconhece que a tecnologia faz parte da vida contemporânea e não pode ser ignorada. O problema surge quando ela começa a substituir o movimento, a exploração do ambiente, a convivência e a brincadeira. “Não é simplesmente perguntar quanto tempo a criança fica na tela. É questionar também o que ela está deixando de fazer por causa desse tempo”, provoca.

A pergunta desloca o debate. Mais do que controlar o relógio, torna-se necessário observar o que compõe o restante do dia da criança.

Há tempo para brincar livremente? Existem oportunidades para explorar diferentes espaços? Ela convive e cria brincadeiras com outras crianças? Pode correr, testar limites e enfrentar pequenos desafios?

“Criança precisa ter oportunidade de correr, pular, cair, subir, descer, carregar, empurrar, puxar, manipular objetos, brincar com outras crianças, criar suas próprias brincadeiras e experimentar diferentes possibilidades com o corpo”, enumera o psicomotricista.

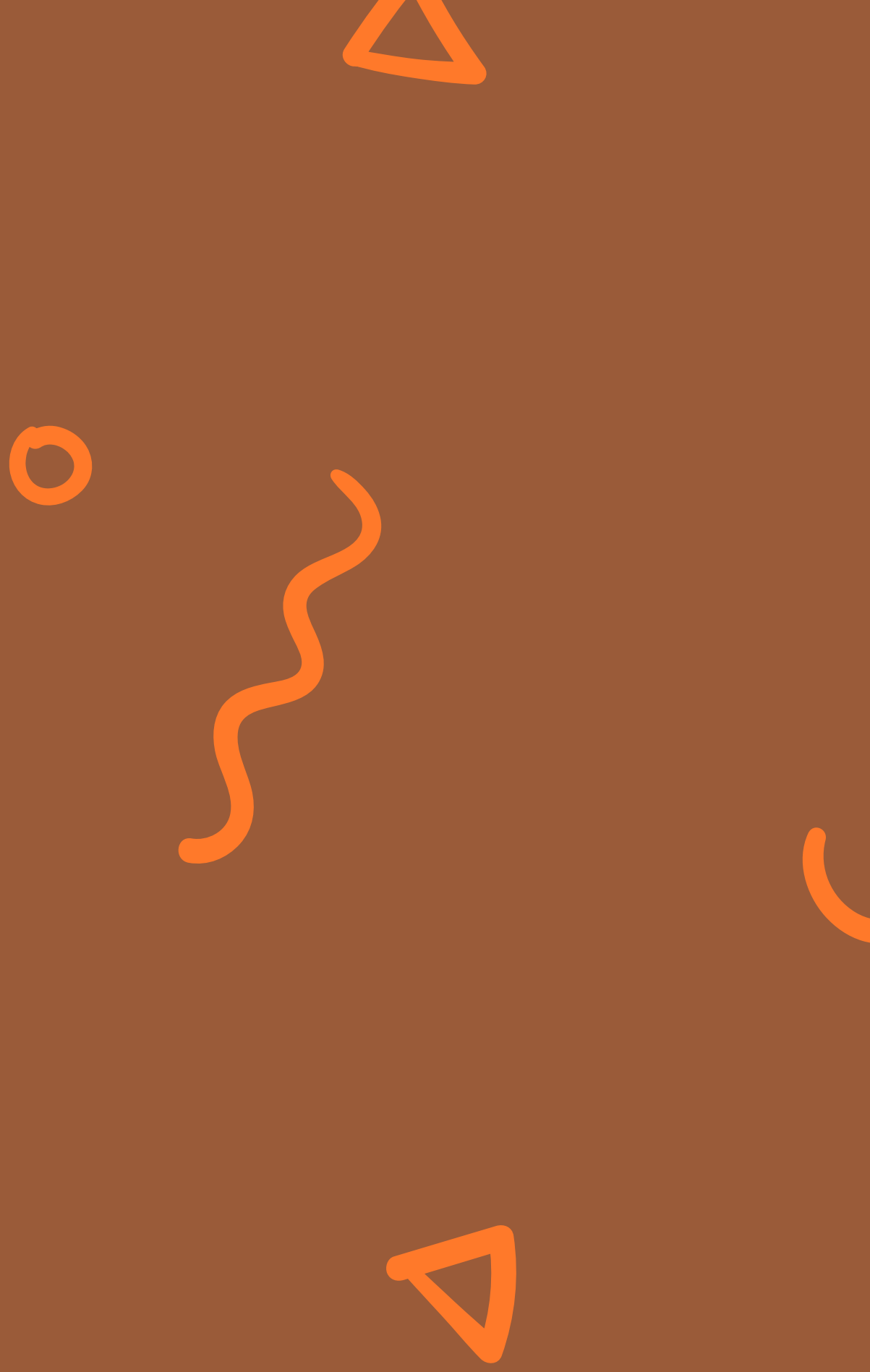
Durante uma brincadeira, a criança faz muito mais do que gastar energia. Ela toma decisões e resolve pequenos problemas. Também aprende a esperar, arriscar, insistir e lidar com resultados diferentes daqueles que imaginava. “Brincando, a criança cria estratégias, negocia com o outro e descobre o que seu próprio corpo consegue fazer”, reforça Vitor.

Quando essas experiências diminuem e o tempo diante das telas cresce de forma excessiva, ampliam-se o sedentarismo e a redução de estímulos importantes para o desenvolvimento.

Carlos Alberto também atribui à brincadeira um papel central. Em sua análise, as atividades lúdicas contribuem para a socialização, a formação de vínculos e a construção de habilidades variadas. “O brincar é um pilar dos processos de desenvolvimento e aprendizagem”, defende.

A tecnologia, portanto, não precisa ser colocada no papel de vilã. O desafio está em preservar o espaço de uma infância que também se movimenta, inventa, convive e explora. O brincar não é um intervalo entre aprendizagens. Ele já é aprendizagem.





Capítulo 5

Do movimento ao desenho, do desenho à escrita

De acordo com Carlos Alberto de Mattos Ferreira, as atividades psicomotoras não dependem necessariamente de equipamentos sofisticados ou de estruturas complexas. Elas podem surgir de situações simples do cotidiano escolar e ser desenvolvidas de forma lúdica, respeitando as experiências e o contexto das crianças.

O psicomotricista recomenda propostas nas quais os alunos possam vivenciar uma atividade e, posteriormente, representá-la por meio de diferentes linguagens. “É muito importante construir as noções de que o que é vivenciado pode ser representado”, ressalta.

Uma roda de conversa, um jogo de bola, uma fila organizada para aguardar a vez de participar ou uma brincadeira realizada pela turma podem se transformar em desenhos, traçados no chão e registros no papel. Materiais simples, como giz e folhas, já permitem que a criança reconstrua experiências e perceba novas formas de comunicação. “O que se percebe pode ser comunicado em linguagem gráfica”, pontua o especialista.

Carlos Alberto observa que a representação ocupa um papel importante no processo de construção da escrita. Quando a criança transforma uma experiência em desenho, ela começa a compreender que aquilo que viveu também pode ser registrado e compartilhado.

Ao representar uma brincadeira, um percurso ou uma situação do cotidiano, a criança organiza percepções, seleciona elementos importantes e encontra formas de expressar suas ideias. Aos poucos, passa a perceber que aquilo que pensa, sente e observa pode ganhar diferentes formas de registro. “A escrita se inicia na transcrição dos desenhos, tal qual na pré-história da humanidade,

e vai se tornando, gradualmente, uma construção fonética e gráfica”, explica. Nesse processo, o desenho deixa de ser apenas uma atividade artística e passa a funcionar como uma ponte entre a experiência vivida e a linguagem escrita. A criança descobre que aquilo que experimenta pode ser transformado em representação e, mais tarde, em escrita. O especialista destaca ainda que corpo, oralidade, desenho, literatura e escrita não devem ser encarados como etapas isoladas ou concorrentes. Ao contrário, essas experiências podem coexistir e se fortalecer mutuamente ao longo da Educação Infantil.

Para Carlos Alberto, muitas dificuldades relacionadas à escrita surgem justamente quando ela é apresentada de forma desconectada da experiência da criança. “Certas dificuldades na escrita relacionam-se ao fato de que a criança, e isso vale para os adultos também, não estabelece esse vínculo entre seu pensar e o escrever”, analisa.

Na avaliação do mestre em educação, a psicomotricidade não substitui as práticas de alfabetização, mas contribui para que elas sejam construídas sobre experiências significativas e façam sentido para quem aprende. “Há uma conexão entre o que eu penso e o que escrevo”, reforça.

Sob essa perspectiva, o desafio da escola não está em escolher entre o movimento e as letras. Está em compreender como essas diferentes formas de expressão podem caminhar juntas, ampliando as possibilidades de aprendizagem e ajudando a criança a construir, gradualmente, sua relação com a linguagem escrita.

Capítulo 6

A alfabetização começa antes das letras



Se o corpo inaugura esse percurso, a linguagem o amplia. Muito antes de decifrar palavras, a criança já se aproxima da leitura quando escuta histórias, observa imagens, folheia livros, participa de rodas de conversa, canta, brinca com sons e acompanha adultos leitores.

Por isso, apoiar o desenvolvimento infantil em casa não significa reproduzir exercícios escolares ou antecipar conteúdos. As famílias podem contribuir oferecendo experiências de movimento, convivência, brincadeira e contato frequente com diferentes formas de linguagem.

“Uma das orientações mais importantes é apresentar os livros e outras leituras para as crianças”

Entre essas experiências, Carlos Alberto de Mattos Ferreira destaca a importância dos livros e das histórias. Para o psicomotricista, criar oportunidades para que a criança conviva com a leitura desde os primeiros anos ajuda a fortalecer sua relação com a linguagem e com o universo simbólico presente nas narrativas. “Uma das orientações mais importantes é apresentar os livros e outras leituras para as crianças”, recomenda.

Contar histórias, acompanhar o desenrolar dos acontecimentos, conversar sobre personagens e explorar diferentes narrativas contribui para aproximar a criança do universo da leitura. Aos poucos, o livro deixa de ser apenas um objeto e passa a representar descoberta, imaginação e possibilidades.

“Contar histórias junto com elas, acompanhando o fluxo e a magia que os contos produzem no imaginário infantil”, sugere o especialista.

O exemplo do adulto também desempenha papel importante nesse processo. Quando a criança vê alguém lendo, escuta uma história ou percebe o interesse da família pela leitura, começa a compreender o valor social e afetivo presente nessa experiência. “O valor presente em desfrutar de um livro precisa ser demonstrado pelo adulto para que o pequeno perceba que existe um mundo novo dentro desses objetos”, destaca Carlos Alberto.

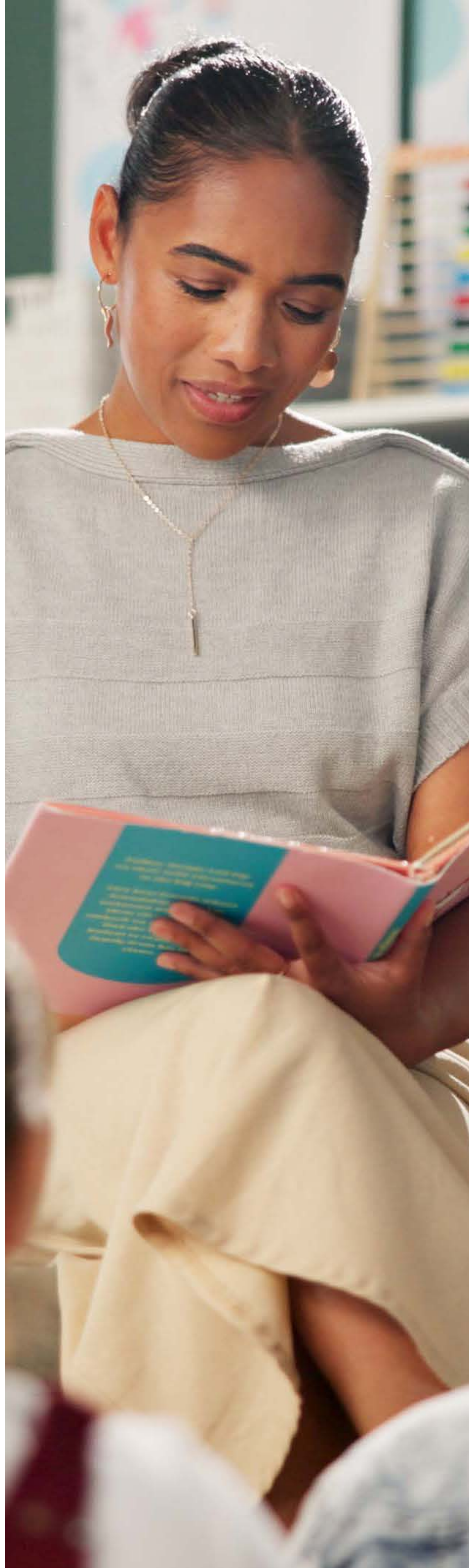
Na avaliação do psicomotricista, esse contato não deve ser entendido como antecipação da alfabetização formal, mas como uma oportunidade de ampliar experiências, construir significados e fortalecer os vínculos da criança com a linguagem. Essa compreensão mais ampla da aprendizagem, que integra corpo, linguagem, imaginação e relações, também precisa estar presente na formação continuada dos professores. Conhecer os fundamentos da psicomotricidade ajuda o educador a compreender melhor os caminhos percorridos pelas crianças até a alfabetização e a planejar experiências mais coerentes com seu desenvolvimento.

Carlos Alberto defende que o tema ocupe maior espaço nesses processos formativos, sobretudo como apoio às estratégias pedagógicas. “Não substitui as atividades de alfabetização, propriamente ditas, mas permite que haja um entendimento de que há uma conexão entre o que eu penso e o que escrevo”, esclarece.

O psicomotricista também chama atenção para a pressão crescente que recai sobre os professores e questiona discursos que apresentam soluções prontas sem considerar a realidade das salas de aula. “Penso que há um excesso de pressão da sociedade sobre o que os professores precisam fazer”, avalia.

Para ele, mais do que ampliar cobranças, as formações podem ajudar os educadores a recuperar fundamentos essenciais da escola e compreender por que propostas aparentemente simples, como brincar, desenhar, ouvir histórias e explorar o espaço, possuem intencionalidade pedagógica. “A escola precisa conectar-se com seus fundamentos básicos e sua importância sócio-histórica”, argumenta.

Ao longo deste e-book, os especialistas demonstraram que a alfabetização não começa quando a criança escreve a primeira palavra. Ela se constrói muito antes, nas brincadeiras, nas histórias compartilhadas, nas experiências corporais e nas relações que ajudam a atribuir sentido ao mundo. As letras chegam depois, apoiadas por uma trajetória que já vinha sendo construída pelo corpo, pela linguagem, pela imaginação e pelas inúmeras formas de interação que marcam a infância.



Por Antônia Figueiredo

Fontes:

Vitor Aguiar é profissional de Educação Física, psicomotricista, psicopedagogo, especialista em TEA, Desenvolvimento Neuropsicomotor Infantil e Educação Especial e Inclusiva. É coautor do livro “Guia de Autismo. O caminhar com os corações azuis”.

Carlos Alberto de Mattos Ferreira é Mestre em Educação, psicomotricista, fonoaudiólogo e membro titular da Associação Brasileira de Psicomotricidade. Entre os livros publicados estão “Psicomotricidade: da educação infantil à gerontologia”, “Psicomotricidade, educação especial e inclusão social” e “Psicomotricidade na saúde”, pela WAK Editora.

Fotos via Getty Images e Adobe Stock.

Conselho Editorial

Julio Cesar da Costa

Ednaldo Carvalho

Jornalismo e Edição

Antônia Lucia Figueiredo

Registro: (M.T. RJ 22685JP)

Design e Direção de Arte

Yasmin Gundim

Revisão de Texto

Sandro Gomes

Colaboração de Textos e Pesquisas

Jéssica Almeida

Produção

Equipe de Comunicação Appai

Publicação

Revista Appai Educar Digital – Ano 2026

Edição nº 192

Envio de projetos

Professores, enviem seus projetos através do formulário on-line disponível na página da revista em nosso site appai.org.br

Endereço: Rua Senador Dantas, 117/229 – 2º andar
Centro – Rio de Janeiro/RJ. CEP: 20031-911